



Portugueses são os que mais partilham casa com idosos

Investigadores da Universidade do Minho concluem que o Estado social presta poucos cuidados

Mulheres nacionais lideram no apoio fornecido a pais e sogros

Dina Margato
dina.margato@jn.pt

As famílias portuguesas são as que mais cuidam em suas casas de idosos dependentes, revela a Universidade do Minho. No polo oposto está a Suécia. A falta de estruturas formais de apoio será uma das razões.

Nos países do Sul da Europa a taxa de co-residência entre pais idosos e filhos adultos sobressai por ser elevada. Ainda assim, Portugal reúne um maior número de casos: mais de 12%. A explicação conjuga fatores como laços familiares arraigados, obrigação de cuidar dos ascendentes, a par das dificuldades do Estado social e das questões de natureza financeira.

Alice Delerue Matos, coordenadora do Inquérito sobre Envelhecimento, Saúde e Reforma, explica: "A população idosa tem poucos recursos, e como não pode pagar a terceiros recorre à família. Temos em Portugal muitas pessoas acima dos 50 anos a viver em casa dos filhos e também muitas famílias a beneficiar da ajuda dos idosos. São estes que tomam conta dos netos e tratam das lides domésticas".

Na prestação de ajuda a indivíduos fora de casa dá-se o inverso: os portugueses são

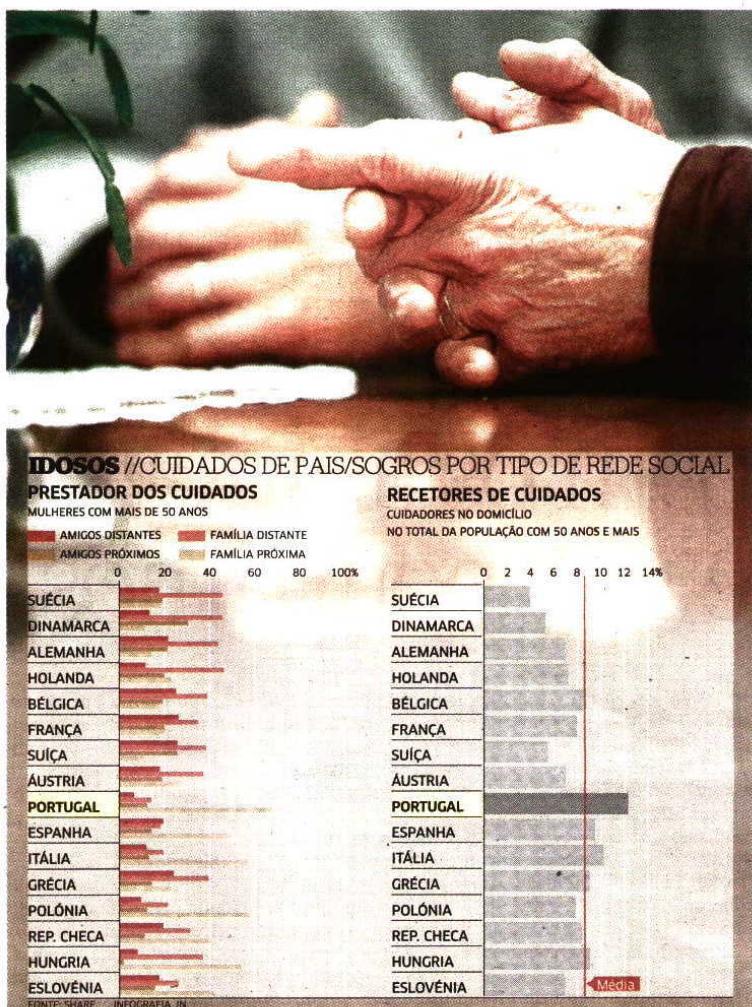
os piores, podendo haver uma relação direta entre as constatações: a partilha de casa reduz a prestação de cuidados aos familiares noutras moradas, concluem os investigadores, responsáveis pela parte nacional de um vasto estudo longitudinal, em atualização constante, feito em simultâneo em 19 países europeus e em Israel.

A análise à lupa da assistência a idosos deixa perceber que são sobretudo as mulheres a prestarem esse apoio, "mesmo quando não são solteiras". A investigadora Daniela Craveiro, responsável por esta parte da pesquisa, explica o resultado pelo peso da educação. "Estamos a ser educadas para isso. É uma construção social".

Este estudo consegue também destruir algumas ideias feitas, nomeadamente que os idosos se sentem muito sozinhos. "A solidão não é um sentimento dominante, nem todos se sentem sós, há apenas uma minoria", declara Alice Matos. "Uma parte delas", acrescenta, "vive com o cônjuge; apesar de, pelos visitos, já não manter grande intimidade com este".

O campo das redes sociais separa claramente duas Europas. Na maior parte dos países do Norte, os familiares perdem peso para os amigos na importância dos laços afetivos. A rede social mais próxima baseia-se num maior número de amigos. Em Portugal é ao contrário. "As redes sociais são pequenas e, em regra, compostas por familiares, uma tendência igualmente seguida pelos países Polónia e Eslovénia", explica a investigadora.

Curiosamente, os dados já



SAÚDE FRAGILIZADA

Seis vezes mais problemas
Os dados relativos a Portugal revelam que os indivíduos carenteados têm seis vezes mais possibilidades de denunciar incapacidades que limitam realização de um trabalho remunerado e três vezes mais dificuldades em executar tarefas diárias.

Saúde má para maioria
Apenas 11% dos portugueses que responderam aos inquéritos dizem ter uma saúde "muito boa" ou "excelente". A maioria diz que é má ou apenas razoável.

Risco de depressão

Os portugueses são os que apresentam maiores riscos de depressão, a par dos estónios, os polacos e os húngaros. E os desempregados e reformados revelam um maior número de sintomas depressivos.

Atividades protegem

O envolvimento em atividades de voluntariado, por exemplo, parece fazer milagres na qualidade de vida dos que têm mais de 50 anos. Previne surgimento de mal-estar psicológico. Funcionam como "agentes protetores", concluem os investigadores.

coligidos indicam que o facto de se ter parentes por perto não traduz maior satisfação pessoal, sublinha Alice Matos. "Quem tem mais amigos parece estar mais satisfeito com a vida".

O grupo de investigadores nacionais está a acompanhar o envelhecimento de 2000 pessoas e tenciona seguir-as após a morte, mantendo a recolha de depoimentos dos indivíduos próximos (durante um ano). Isto se falecerem antes de 2025, data termo para o projeto, e se o financiamento não vier a falhar.

"Solidão não é sentimento dominante entre os mais velhos. Acontece só com uma minoria."

Alice Delerue Matos
Coordenadora da pesquisa





ESTUDO DA U.MINHO P.8

**Portugueses
são dos que mais
cuidam dos
idosos em casa**